

**EM DEFESA DA IMPLANTAÇÃO DA CLASSE HOSPITALAR NO
“CASTELINHO” DO HGPV, JEQUIÉ: experiências em busca da afirmação de
um campo de trabalho para os pedagogos**

BIANCA CELESTINA SANTOS
Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié

TAMIRES SUELEN CARVALHO FAGUNDES
Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié

TÂNIA REGINA BRAGA TORREÃO SÁ
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Resumo

Desde a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN - Lei n.º 9.394), em 20 de dezembro de 1996, os educadores brasileiros parecem ter sido despertados para considerarem a importância do trabalho humanizador, a ser aplicado na mitigação das necessidades – programadas e furtivas – que atingem aos estudantes das escolas básicas do país. Dentro da categoria de sujeitos a qual esse conceito de trabalho humanizador deve ser aplicado concretamente, a atuação do pedagogo em classes hospitalares, professores de outras áreas e profissionais da saúde pediátrica é reconhecida como algo de importância fundamental, posto que, estudos comprovam uma redução significativa do tempo de internação das crianças e adolescentes em hospitais que dispõem de tais classes. Esse trabalho questiona, outrossim, o que pode a pedagogia fora da escola?; o que pode a pedagogia na classe hospitalar?. Baseando-se em experiências concretas de ensino aprendizagem realizada em ambientes de acolhimento e promoção da saúde de Jequié, nesse artigo debate-se a importância do trabalho que o/a pedagogo/a pode realizar nas classes hospitalares, mas sem perder de vista que a escola é a outra ponta desse processo de relacionamento que favorece a humanização dos tratamentos de saúde para as crianças hospitalizadas por períodos superiores a 15 dias. Concluindo, reconhece-se que não temos hoje, formação institucionalizada sobre a atuação do/a pedagogo/a nas classes hospitalares e assim, compassadamente, prudentemente, o artigo quer levantar interesse sobre o tema, para que, no futuro próximo, possa-se garantir a esse profissional, trabalho nesse ambiente desafiador.

Palavras-chave: Atuação do pedagogo. Classe hospitalar.

Abstract

Since the promulgation of the National Education Guidelines and Bases Law (LDBN - Law no. 9,394), on December 20, 1996, Brazilian educators seem to have been awakened to consider the importance of humanizing work, to be applied in mitigating needs - programmed and incidental - that affect students in the country's basic schools. Within the category of subjects to which this concept of humanizing work must be

applied concretely, the role of the pedagogue in hospital classes, teachers from other areas and pediatric health professionals is recognized as something of fundamental importance, given that studies prove a significant reduction the length of stay of children and adolescents in hospitals that have such classes. This work also questions, what can pedagogy do outside of school?; What can pedagogy do in the hospital classroom? Based on concrete teaching-learning experiences carried out in reception and health promotion environments in Jequié, this article discusses the importance of the work that the pedagogue can carry out in hospital classes, but without losing sight of the fact that School is the other end of this relationship process that favors the humanization of health treatments for children hospitalized for periods longer than 15 days. In conclusion, it is recognized that today we do not have institutionalized training on the role of the pedagogue in hospital classes and thus, in a measured and prudent manner, the article wants to raise interest in the topic, so that, in the near future, it can be guarantee this professional, I work in this challenging environment.

Keywords: Pedagogue's role. Hospital grade.

Introdução

O texto apresenta relatos de aprendizagens que vem se consignando na trajetória formativa de estudiosas do tema da pedagogia hospitalar e, especificamente, o interesse que se expressa aqui, nesse artigo, é o de oferecer uma contribuição para pensar a atuação dos pedagogos em classes hospitalares. Classes hospitalares, aliás definidas pelo Ministério da Educação – Secretaria da Educação Especial (MEC/SEESP, 2002, p.13), enquanto “[...] ambientes que possibilitam o atendimento educacional de crianças e jovens que necessitam de educação especial ou que estejam em tratamento hospitalar [...]”.

Tratar sobre o trabalho do pedagogo na classe hospitalar, nesse sentido, justifica-se porque, essa pesquisa está inscrita enquanto conjunto de ações curriculares e articuladas, com caráter interdisciplinar que funciona integrada às atividades de ensino, pesquisa e extensão, promotora de “[...] interação dialógica; interdisciplinaridade e interprofissionalidade [...]” (PROEX/UESB, 2024, s.p.).

Mas o propósito da escrita desse texto não se reduz ao oferecimento da formação teórica sobre o assunto, esclarece-se. Tanto mais discute-se acerca da atuação do pedagogo em classes hospitalares, tanto mais o caminho para a criação da classe hospitalar que funcionará no “Castelinho”, como é popularmente chamado o Hospital da Criança (HC), anexo ao Hospital Geral Prado Valadares (HGPDV), será cimentado. O “Castelinho” é um hospital infantil de referência em toda a região Centro Sul e parte da região sudoeste do Estado da Bahia. Ele é uma edificação construída

em forma de castelo dos príncipes e princesas da *Disney World* e que só por essa faixa arquitetônica, tem se constituído num fator de mitigação dos temores das crianças quanto a estar num ambiente hospitalar, conforme testemunham alguns profissionais desse espaço (**Foto 1**).

FOTO 1. HOSPITAL DA CRIANÇA, “CASTELINHO” DO HOSPITAL GERAL PRADO VALADARES, JEQUIÉ, BAHIA



Fonte: SESAB, (2021)

6087

Mantendo interlocução direta com o Grupo Interdisciplinar de Humanização do HC (GIH), “Castelinho” do HGPV, visando articular as condições a serem construídas a fim de que, seja garantida a criação da classe hospitalar num futuro próximo, o propósito desse texto é também, explicar como tem sido construídas mediações com as equipes de trabalho disciplinares do hospital – com a Diretoria Geral e a Diretoria de Enfermagem, Diretoria Clínica, Diretoria Administrativa e Diretoria Técnica – e com o Ministério Público do Estado da Bahia, Promotoria Regional de Jequié (MP) a fim de garantir a implantação de tal classe.

Quando são propostas reflexões sobre o que pode o pedagogo que atua em classes hospitalares, naturalmente, propõe-se um debate que gira em torno da educação em espaços não escolares e mormente, da Pedagogia Hospitalar no Brasil, considerando as produções escritas sobre o assunto, e, além disso, considerando, também, a difusão de conhecimentos sobre tais temáticas. E analisando esses dois eixos, a conclusão óbvia a que se chega é que o debate sobre o assunto tem atraído um conjunto de práticas e embates teóricos que, apesar de oportunos, ainda não se

mostram suficientes para garantir, dentro dos hospitais, como aliás, a lei estabelece¹, a implantação de classes hospitalares em cada uma dessas instituições.

Para apoiar, portanto, as reflexões que aqui estão sendo realizadas, as referências bibliográficas, utilizadas a *priori* são: Silva e Andrade (2013); Secretária Municipal de Educação de São Paulo (2023); Lima e Paleologo (2012); Souza e Rolim (2019); e Fontes (2008).

No livro *“Pedagogia Hospitalar: fundamentos e práticas de humanização e cuidado”*, de autoria de Silva e Andrade (2013) os autores abordam questões quanto ao desenvolvimento de ações educativas no espaço hospitalar. Para esse artigo interessam as contribuições das autores, porque elas realizam um resgate histórico sobre as interseções que se estabelecem entre educação e saúde. Silva e Andrade (2013) ademais, ainda discutem a viabilidade de atuação em espaço hospitalar a partir da articulação das áreas de educação em saúde.

Já no livro *“Pedagogia hospitalar: aprendizagens, saberes e afetos”* (2023), os autores refletem acerca dos benefícios que crianças e adolescentes podem alcançar, tendo garantido os seus processos de escolarização já que, em decorrência de doenças graves e crônicas, encontram-se em condições vulneráveis, demandando práticas pedagógicas individualizadas e capazes de garantir a cada um a oportunidade de desenvolvimento e aprendizagem.

As contribuições de Souza e Rolim (2018) são fundamentais para esse trabalho a medida em que, eles buscam conhecer o processo pedagógico educacional em um ambiente hospitalar, na atuação das professoras, considerando as especificidades de crianças em tratamento de saúde.

Por fim, Fontes (2008), no artigo *“Da classe à pedagogia hospitalar: a educação para além da escolarização”* reflete sobre a função de professores em espaços diferenciados de atuação pedagógica, como vem acontecendo em hospitais.

E há outras referências em leis e outros documentos, que serão trazidas oportunamente nesse trabalho e na discussão que se seguirá a ele.

¹ Art. 4 – É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa (LDBN, 1996, s.p.).

A metodologia da pesquisa-ação foi avaliada como a mais adequada para a realização do trabalho, tal escolha decorrendo do fato que, a natureza das atividades aqui descritas, precisam ser postas em estreita relação com a resolução de problemas identificados na realidade dos pedagogos. E esses problemas, na pesquisa em tela, estão diretamente relacionados com a precariedade da formação oferecida aos pedagogos para trabalharem com a pedagogia hospitalar, com a classe hospitalar formação bastante escassa, aliás.

Não obstante, o que se lega *a priori* como contribuição desse trabalho é o estímulo a formação adequada dos profissionais da pedagogia, para que eles possam investir em mais conhecimento sobre a abertura de um campo de atuação profissional novo: a classe hospitalar.

É nesse sentido, que esse trabalho inicia a fase do seu desenvolvimento, apresentando um breve histórico do surgimento da classe hospitalar no mundo. E no Brasil, apresenta-se a referência do Hospital Municipal Jesus, Rio de Janeiro, instituição que tem implantada em seu espaço a classe hospitalar. E, como manifestação de que não se tem perdido de vista a indissociabilidade entre teoria e prática, são exibidas algumas experiências interventivas, todas elas, realizadas em espaços de promoção da saúde e articuladas dentro da disciplina Educação em Espaços Não Escolares, pela docente que escreve esse artigo. A apresentação dessas experiências fazendo-se imperativa aqui, porque a exibição dessas, expressa as iniciativas que têm sido tomadas no sentido de conhecer melhor, mais aprofundadamente, o campo no qual os estudos estão sendo realizados. Inclusive, as autoras desse artigo aproveitam para esclarecer que, a despeito dos registros indicarem a realização de experiências em espaços de promoção da saúde e acolhimento de pessoas que exigem cuidados especiais, a demanda pela ocupação desses espaços emergiu naturalmente, a partir de ideias concebidas pelos próprios aprendentes da pedagogia.

Da parte das alunas autoras desse artigo, aliás, contou-se com as suas contribuições, para a sistematizar as informações apresentadas. Todas elas – estudantes do 4 semestre do curso de pedagogia –, aliás, coletaram o depoimentos de colegas já formados e que vivificaram a experiência de intervir no espaço não escolar dedicado à promoção da saúde.

A pedagogia hospitalar: história e pioneirismo

Os primeiros estudos sobre a Pedagogia Hospitalar são recentes no mundo e surgiram na França, em 1935, quando Henri Sellier (1883 – 1943), que foi Ministro da Solidariedade e Saúde da França de 1936 até 1937, inaugurou a primeira escola para crianças chamadas “inadaptadas”, isto é, crianças órfãs e mutiladas em razão do conflito da 2ª Guerra Mundial.

FOTO 2. HENRY SELLIER (1883 – 1943), PIONEIRO DA CRIAÇÃO DA CLASSE HOSPITALAR



Fonte: Seine Saint-Denis Tourisme (1993)

6090

FOTO 3. COLLÉGE HENRI SELLIER ATUALMENTE



Fonte: Wikipedia (2011)

No Brasil, no entanto, a pedagogia hospitalar é algo novo, pois, somente 15 anos depois da implantação da primeira classe hospitalar do mundo, em agosto de 1950, é criada a primeira classe hospitalar do país, classe que é instalada no Hospital Municipal Jesus, bairro Santa Isabel, Rio de Janeiro e que funciona até hoje.

O Hospital Municipal Jesus não realiza atendimento de emergência – somente atendimento ambulatorial –, sendo que, a sua fundação data de 30 de julho de 1935. Apesar da inauguração da unidade, no entanto, ela somente foi aberta ao público no dia 12 de agosto daquele ano.

Fazendo parte de uma rede hospitalar, idealizada pelo então prefeito do Distrito Federal, Dr. Pedro Ernesto, a Unidade foi idealizada para o atendimento exclusivo de crianças, em uma época que ainda não existia a especialidade pediatria no país.

Com a criação do Hospital Jesus, o Prefeito Municipal da época preenchia uma grande lacuna em matéria de assistência hospitalar infantil. Com efeito, a não ser pelo Hospital Arthur Bernardes em Botafogo (depois denominado Instituto Fernandes Figueira), não existia no Estado do Rio de Janeiro e no Brasil, qualquer outra unidade com o perfil exclusivo voltado para o atendimento da pediatria.

Em 1935, a Capital da Guanabara, já possuía 2 milhões de habitantes e evidentemente, um único Hospital no Estado, mesmo com a capacidade de 150 leitos direcionados ao tratamento de crianças, ainda não seria o suficiente para o atendimento de crianças, em uma época em que a morbidade e mortalidade infantil do país eram altíssimas. Mas foi sem dúvida, o lançamento da pedra fundamental em prol da assistência especializada à infância, visando a minorar e amparar o sofrimento das crianças.

FOTO 4. ESPAÇOS DO HOSPITAL MUNICIPAL JESUS, RJ, HOJE



Sala de Ressonância



Sala de Raios X



Biblioteca



Sala de Observação

FONTE: <http://www.repartir.org.br/quem-somos/hospital-jesus>

A experiência do Hospital Municipal Jesus, aliás, maior centro de referência em atendimento pediátrico público do Estado do Rio de Janeiro² é importante para parametrizar o trabalho que se pretende realizar, no futuro, a fim de promover a implantação da classe hospitalar no “Castelinho”/HGPV, isto porque, quando se analisa o trabalho realizado em colaboração com as equipes interdisciplinares da instituição de saúde carioca, o que se atesta é que a implantação da classe hospitalar no hospital, por que está umbilicalmente relacionada com uma diminuição significativa dos índices do fracasso e evasão escolar, só traz benefícios para as crianças e adolescentes adoecidos ou em tratamento prolongado de saúde. O que as crianças ganham com a implantação da classe hospitalar, não obstante, é o fortalecimento dos princípios da inclusão, seja no período de internamento ou após a alta hospitalar.

A implantação da classe hospitalar, juntamente com o atendimento pedagógico domiciliar, nesse sentido, instam pensar no tema da inclusão como um direito humano indeclinável, pois, o que mobiliza a ação de criação de classes desse tipo é a tentativa de mitigar os efeitos trazidos pelas doenças que, de modo direto e incontestável, retiram crianças e adolescentes de suas rotinas familiares e escolares e, de modo geral, do convívio social. Deixar de pensar a classe hospitalar, portanto, como um direito humano, implica em prescindir de pensar e agir em prol da inclusão.

² O Hospital Municipal Jesus atende em pediatria geral e mais 12 especialidades: alergia, cardiologia, dermatologia, endocrinologia, gastroenterologia, infectologia, nefrologia, neurologia, oftalmologia, otorrinolaringologia, pneumologia e reumatologia (RIO DE JANEIRO, 2000, s.p.).

Graças a realização de estudos sistematizados sobre o assunto da pedagogia hospitalar que tem sido realizados pelos membros do GPTEEM, estudiosos do tema da pedagogia hospitalar, compreende-se que a implantação da classe hospitalar e a construção de experiências com a identidade local/regional do Centro Sul do Estado da Bahia precisam ganhar impulso.

Apesar da instituição de marcos legislativos inscritos tanto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBN, Lei no 9.394 (BRASIL, 1996) quanto no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei no 8.069 (BRASIL, 1990), os estudiosos do tema da educação que se pratica em espaços não escolares – mormente, espaços de saúde – ainda se ressentem de conhecer melhor a atuação do pedagogo do ambiente hospitalar, isto ocorrendo porque, ainda persiste a dificuldade de instituição de trabalhos verdadeiramente interdisciplinares. Falta a praxiologia baseada na experiência, que só se efetivará quando trabalhadores da saúde e, neste caso, da educação, se mostrarem dispostos a estabelecer um diálogo parceiro e não competitivo em nome da promoção da saúde das crianças.

No subtópico “Experiências que apontam um caminho”, o que se procurou demonstrar foi que compreende-se a praxiologia do trabalho interdisciplinar com educação e saúde como um campo de estudos promissor para a realização do trabalho realizado pelo pedagogo, um campo que ainda demanda muito aprofundamento de estudos para afirmar-se.

As experiências apresentadas nesse artigo, nesse sentido, procuram demonstrar que persegue-se esse aprofundamento, e por esse motivo, devotamo-nos a compreender melhor o campo da pedagogia hospitalar, mas não somente investindo na sistematização de estudos sobre o tema, mas procurando sistematizar resultados de experiências reais.

Experiências que apontam um caminho

A entrada no HC/HGPV com o objetivo de implantar a classe hospitalar e transformar o “Castelinho” num espaço de formação reconhecido para as turmas do Curso de Pedagogia da UESB, *Campus* de Jequié ainda é um ideal a ser alcançado, sendo por esse motivo que, vimos construindo experiências em outros espaços não formais de ensino-aprendizagem, experiências estas que acabaram convergindo para

o favorecimento do debate sobre o tema das relações aproximadas entre educação e saúde. Foi graças ao trabalho realizado na disciplina Educação em Espaços Não Escolares nos anos de 2018 e 2019, inclusive, que conseguimos entrar na antiga Ala Infantil do HGPV; no Centro de Ecoterapia de Jequié; no Abrigo de Idosos Leur Brito e no Centro de Atenção Psicossocial Guito Guigó, também, levando propostas de intervenção que contribuirão para mais conhecimento sobre o trabalho do pedagogo, no ambiente hospitalar.

Antes de apresentar as experiências *de per se*, esclarece-se que todas elas foram orientadas no âmbito do trabalho desenvolvido pela ministrante da disciplina Educação em Espaços Não Escolares, e, portanto, admite-se que elas curricularizaram a experiência do aprendizado. Nessas experiências consideradas primárias, os alunos eram instados a elaborar um projeto de intervenção, para trabalharem num espaço que desejavam conhecer melhor e deixar a sua contribuição. E havendo quem quisesse desenvolver um trabalho na Ala Infantil do HGPV depois, transformada no HC, chamado “Castelinho”, conseguiu-se implantar uma equipe de alunos do Curso de Pedagogia nessa Ala, equipe que aliás, foi muito bem recepcionada pelas equipes clínicas e de enfermagem do hospital.

6094

Para essa equipe, a época, foi deliberado que se tornassem ledoras, a designação de quem deveria atender as crianças internadas, sendo definida pelo médico que atendia a criança. A intencionalidade da promoção da leitura era a de oferecer alguma contribuição para acalmar a criança internada que, seria submetida a cirurgia ou que realizaria exames invasivos proximamente.

E a tarefa atribuída as estudantes do Curso de Pedagogia pela equipe de saúde da Ala Pediátrica foi tão bem aceita pelas crianças e adolescentes internados que essa também, pediu que esse grupo de estudantes ajudasse na implantação de uma biblioteca para as crianças internadas. E por conta desse pedido, esforços foram feitos no desenvolvimento de uma campanha para arrecadar livros, só que não tendo – as equipes que geraram o pedido – nada especificado sobre o tipo de material que poderia entrar num hospital, os livros coletados foram descartados, pois, não permitiam o controle para limpeza que se faz necessária num ambiente controlado.

Em 11 de outubro de 2019, a Associação Bahiana de Equoterapia (ABAE) inaugurou o Centro de Equoterapia de Jequié que, somente nos dois meses que se seguiram a sua inauguração, acolheu crianças de Jequié, Jitaúna e Entroncamento

de Jaguaquara, dentre outros municípios vizinhos, com o número total de 50 (cinquenta) pessoas acometidas por microcefalia, paralisias cerebral, transtorno do espectro autista, atraso do desenvolvimento neuromotor e intelectual e algumas síndromes raras.

FOTTO 5. CENTRO DE EQUOTERAPIA DE JEQUIÉ



Fonte: Jequié (BA) | Page 214 | SkyscraperCity Forum

6095

Estudiosos do assunto, tais como, Ferreira, Maricato e Muniz (2017) explicam que a equoterapia propicia inúmeros efeitos benéficos para crianças acometidas das doenças mencionadas no parágrafo anterior. Todos esses benefícios estando associados à melhora na motricidade e nos aspectos cognitivos e psicológicos, visto que as atividades propostas pela terapia com cavalos geram benefícios ao equilíbrio, concentração e postura.

No caso do trabalho que a equipe de estudantes do 6º semestre, Curso de Pedagogia da UESB, *Campus* de Jequié quis desenvolver no Centro de Equoterapia do município, a equipe de estudantes que lá esteve presente, deteve-se apenas, na observação do tratamento dado as crianças especiais, isso porque, ela não se sentiu segura o suficiente para intervir.

Trabalhando no Abrigo de Idosos Leur Brito a equipe que lá esteve presente, foi a que mais desenvolveu atividades no espaço não escolar, e, nesse caso, no espaço devotado a promoção da saúde dos idosos. Primeiro, eles se reuniram com a Coordenação do Abrigo e fizeram um plano de acompanhamento das rotinas dos abrigados para perceber o que mais lhe faltava em termos objetivos – recursos do tipo

fraldas e materiais para a realização de curativos. Depois, com a supervisão da psicóloga que detectará a baixa estima desse público, eles organizaram as iniciativas do projeto “Um dia de princesa” que ofereceu serviços de cabeleireiro, maquiagem, manicure e massagem aos idosos e, ademais, também, organizou – para após da prestação de tais serviços – que fossem tiradas fotografias em 4x3 desses, para serem exibidos o antes e o depois.

FOTO 6. PÓRTICO DE ENTRADA DA FUNDAÇÃO LEUR BRITO



Fonte: <http://www.blogdoleurbrito.com>

6096

E finalmente, uma equipe de estudantes trabalhou no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II) Guito Guigó. Um espaço que oferece diferentes modalidades de serviços de saúde de caráter aberto e comunitário, compondo a Rede de Atenção Psicossocial. Constituída por equipe multiprofissional que atua sob a ótica interdisciplinar e realiza atendimento às pessoas com transtornos mentais graves e persistentes e às pessoas com sofrimento ou transtorno mental em geral, incluindo aquelas com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, seja em situações de crise ou nos processos de reabilitação psicossocial.

No Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II) Guito Guigó à equipe de alunos que lá trabalhou, fez o seu trabalho em parceria com profissionais da terapia ocupacional e todos juntos, decidiram-se por construir um canteiro de plantas e horta suspensa. A ideia da horta suspensa e canteiro de plantas era fazer com que os assistidos desse CAPS utilizassem o manejo com a terra como um suporte auxiliar para os tratamentos medicamentosos que recebiam.

FOTO 7. CAPS II – GUITO GUITÓ



Fonte: <https://www.jequie.ba.gov.br/>

E vejam que as experiências relatadas acima, ocorrerem no espaço não escolar, mas há outras experiências que foram desenvolvidas no ambiente da própria UESB, iniciativas que acabaram por forjar entre os envolvidos, uma espécie de ‘cultura de estímulo a projetos sociais’ que fazem parte do elenco de trabalhos que os pedagogos não escolares podem desenvolver profissionalmente.

6097

Sob a orientação da professora ministrante da disciplina Educação em Espaços Não Escolares, por exemplo, o andar superior do prédio de aulas e Auditório Manoel Sarmiento foi todo ele sinalizado com placas de EVA em relevo e que foram perfuradas em braille para indicar para que os alunos com baixa visão, tivessem conhecimento sobre o tipo de espaço em que estavam – sala de aula, banheiro, auditório, corredor, pátio, etc.

Também, foi realizada uma campanha de dignidade menstrual intitulada “Se precisar pegue, se não precisar, doe” que garantiu a distribuição gratuita de absorventes por 4 meses no banheiro feminino do Módulo Manoel Sarmiento.

No *Campus* de Jequié ademais, uma equipe de trabalho identificou com seus nomes científicos e vulgares, 22 tipos de árvores frutíferas e divulgaram a sua localização com o propósito de torná-las ponto de encontro para os frequentadores do espaço.

Considerações Finais

Nesse ponto do trabalho, considera-se que há um longo caminho a percorrer no sentido de garantir-se, no futuro, a implantação da classe hospitalar no “Castelinho”, Hospital da Criança vinculado ao Hospital Geral Prado Valadares, Jequié. Tem-se a compreensão, por isto mesmo, que por mais que haja esforço concentrado nesse sentido, a vontade pura e simples, não é capaz de alterar nenhuma realidade, pois, depende-se fundamentalmente do trabalho construído em parceria com as equipes multidisciplinares do hospital e as equipes de trabalho da educação na UESB para anuir a proposta de criação da classe hospitalar nessa instância.

E porque a vontade não basta, busca-se conhecimento sobre o assunto através de imersões em documentos históricos e outros textos que abordam o assunto da criação da primeira classe hospitalar no mundo, obra do Ministro da Saúde francês Henri Sellier, figura que aliás, inspira a criação da primeira classe hospitalar brasileira, no Hospital Municipal Jesus, Rio de Janeiro.

Todo o aprendizado construído através de documentos históricos e outros textos se presta para o encorajamento quanto a realização de ações concretas, como as que foram apresentadas em tópico superior. Apropriamo-nos da experiência portanto, para balizar a praxiologia que leva ao melhor entendimento sobre a importância da implantação de uma classe hospitalar, resgatadora do convívio social para crianças acometidas por doenças e que demandam tratamento hospitalar ou atendimento pedagógico domiciliar.

6098

Referências

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, DF, 1990.

BRASIL. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília, DF, 2001.

BRASIL. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. / Secretaria de Educação Especial. – Brasília : MEC ; SEESP, 2002.

LIMA, Cristina Cavallari Ferreira; PALEOLOGO, Silvana de Oliveira Araújo. A Pedagogia Hospitalar: a importância do apoio pedagógico dentro dos hospitais para jovens e crianças. E-Faceq: **Revista Eletrônica dos Discentes da Faculdade Eça de Queiros**. v. 1, n. 1, 2012.

MOSANER, Kurt Lewin. Arte-Educação: leitura de obras e elaboração de propostas poéticas a partir do acervo da pinacoteca do Estado de São Paulo. 2008, 233 f. **Dissertação.** (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Faculdade de Educação, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, 200852.

SÃO PAULO (SP). **Pedagogia hospitalar:** aprendizagens, saberes e afetos. São Paulo : SME / COPED, 2021. (Coleção Diálogos com o NAAPA, v. 5).

SILVA, Neilton da; ANDRADE, Elane Silva de. **Pedagogia Hospitalar:** fundamentos e práticas de humanização e cuidado. Cruz das Almas/BA : UFRB, 2013. 192 p.

SOUZA, Zilmene Santana; ROLIM, Carmen Lúcia Artioli. Vozes das professoras na pedagogia hospitalar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru/SP, v.25, n3, p.403-420, Jul.-Set., 2019.

Autor 1:



Tânia Regina Braga Torreão Sá

Líder e pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Temporalidades, Espacialidades, Educação e Memória (GPTEEM/CNPq). Pós-doc em Geografia. Dra. Em Memória: Linguagem e Sociedade. Docente Titular do DCHL/UESB.

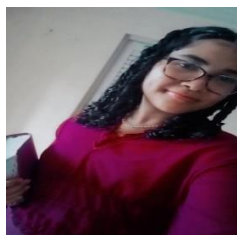
tania.braga@uesb.edu.br

<http://lattes.cnpq.br/8999392221171784>

<https://orcid.org/0000-0002-5394-8191>

6099

Autor 2:



Tamires Suelen Carvalho Fagundes

Estudante vinculada ao GPTEEM/CNPq. Estudante do Curso de Pedagogia, UESB, *Campus* de Jequié.

202210808@uesb.edu.br

<http://lattes.cnpq.br/5224490285219281>

Autor 3:



Bianca Celestina Santos

Estudante vinculada ao GPTEEM/CNPq. Estudante do Curso de Pedagogia, UESB, *Campus* de Jequié.

202011742@uesb.edu.br

<http://lattes.cnpq.br/1303607076938919>